

A enfermagem é, paradoxalmente, um dos pilares mais sólidos dos sistemas de saúde e uma das dimensões menos valorizadas na política económica da saúde. Representando a maior força de trabalho do setor, e assegurando cuidados essenciais em todos os níveis do sistema, os enfermeiros continuam frequentemente a ser vistos como custo e não como investimento. Esta invisibilidade económica, tanto nos orçamentos como nas decisões estratégicas, contrasta com a evidência acumulada: sem uma enfermagem forte, os sistemas de saúde tornam-se estruturalmente frágeis, menos eficientes e mais onerosos. Reconhecer a enfermagem como motor económico implica, por isso, uma mudança de paradigma que vá além do discurso retórico e se traduza em política pública, financiamento adequado e gestão estratégica.

A Organização Mundial da Saúde (WHO, 2024) tem sublinhado que investir em enfermagem não é apenas uma questão de justiça profissional ou de reconhecimento institucional. É uma estratégia comprovada para melhorar os resultados em saúde, reduzir complicações, promover sustentabilidade e aumentar a qualidade dos cuidados. Enfermeiros bem formados, valorizados e integrados em equipas multidisciplinares contribuem para a segurança do doente, para a continuidade assistencial, para a prevenção de erros clínicos e para a redução de hospitalizações desnecessárias. Estes efeitos, embora muitas vezes invisíveis nas estatísticas convencionais, têm impacto direto na despesa pública e na eficácia dos sistemas.

Do ponto de vista económico, a enfermagem atua como mecanismo silencioso de controlo de custos. Em unidades hospitalares, a presença adequada de profissionais de enfermagem está associada à redução de mortalidade evitável, de infeções nosocomiais e de reinternamentos (OECD, 2024). Em cuidados continuados e domiciliários, o acompanhamento de proximidade reduz a pressão sobre os serviços de urgência, melhora a adesão terapêutica e evita institucionalizações precoces. Em contexto comunitário, a enfermagem de saúde pública atua na promoção da literacia em saúde, na vigilância epidemiológica e na prevenção de comportamentos de risco, gerando ganhos em saúde e poupando recursos a médio e longo prazo. Estes contributos não são apenas clínicos, são estruturalmente económicos.

No entanto, persistem visões orçamentais que tratam os custos com enfermagem como variável de ajuste, e não como investimento estratégico. Esta lógica tem levado, em muitos sistemas, a níveis críticos de rácio enfermeiro/doente, com impacto negativo na qualidade assistencial, na segurança dos cuidados e na motivação dos profissionais. A Comissão Europeia (2024) alerta que a escassez de profissionais de enfermagem é um dos maiores

riscos para a sustentabilidade dos sistemas europeus, recomendando políticas de atração, retenção e valorização da carreira, com base em dados de planeamento e previsões demográficas. A invisibilidade da enfermagem nos modelos tradicionais de financiamento tem de ser combatida com indicadores específicos que traduzam o valor real gerado, não apenas em produção, mas em prevenção de custos futuros.

A enfermagem especializada representa, dentro deste campo, uma oportunidade significativa de qualificação do sistema. Profissionais com competências avançadas em áreas como reabilitação, saúde mental, cuidados paliativos, cuidados domiciliários ou gestão de casos complexos acrescentam capacidade de resposta, resolubilidade e profundidade ao cuidado prestado. Estes enfermeiros atuam não apenas como executores, mas como gestores do percurso terapêutico, articulando serviços, promovendo decisões baseadas em evidência e acompanhando doentes em contextos de elevada complexidade clínica e social. A European Court of Auditors (2024) demonstra que equipas de enfermagem com competências especializadas, quando integradas em modelos de cuidados centrados na pessoa, produzem melhores resultados com menor custo por episódio clínico.

A enfermagem de reabilitação, por exemplo, é um caso paradigmático. O seu trabalho na recuperação funcional de pessoas após AVC, cirurgia ortopédica, descompensações cardíacas ou episódios de doença aguda traduz-se em ganhos claros em autonomia, redução de dependência e diminuição da necessidade de institucionalização. O impacto económico é direto: menos dias de internamento, menos encargos sociais, mais capacidade produtiva e menor pressão sobre cuidadores informais. Assim, cuidar não é apenas tratar; é investir na funcionalidade da pessoa e, por extensão, na da sociedade.

A enfermagem domiciliária, por sua vez, constitui um dos exemplos mais claros do valor invisível da profissão. Ao acompanhar doentes crónicos, idosos frágeis e pessoas em situação de vulnerabilidade no seu contexto de vida, o enfermeiro garante continuidade, proximidade e personalização dos cuidados. Este modelo reduz hospitalizações, melhora o controlo de doenças e reforça a rede de suporte familiar. Em regiões com dificuldades de acesso geográfico, como zonas rurais ou ilhas, a enfermagem comunitária e domiciliária não é uma alternativa: é a base do sistema. A OCDE (2024) reforça que os sistemas que investem em cuidados domiciliários liderados por enfermeiros obtêm melhores resultados de saúde e menor pressão sobre os hospitais.

A digitalização dos cuidados acrescenta uma nova dimensão à valorização da enfermagem. A utilização de dispositivos de monitorização remota, plataformas de comunicação clínica e sistemas digitais de gestão do cuidado está a transformar a forma como os enfermeiros acompanham os utentes. Estas ferramentas, quando bem integradas, aumentam a eficiência, reduzem deslocações, melhoram a vigilância clínica e fortalecem a articulação entre profissionais e níveis de cuidados. A OMS (2024) destaca que a literacia digital dos profissionais de enfermagem é uma competência-chave para o futuro da saúde, permitindo combinar tecnologia com proximidade humana, e inovação com continuidade. Os enfermeiros digitais não são futuristas, são protagonistas de uma nova fase da saúde pública.

A valorização da enfermagem também deve ocorrer no plano da governação. A presença de enfermeiros nos processos de decisão, nos conselhos de administração, nos comités de qualidade e nos fóruns de planeamento estratégico é essencial para que as decisões reflitam o conhecimento do terreno, a lógica do cuidado e a visão do percurso do doente. A exclusão da enfermagem destes espaços perpetua modelos de gestão centrados em indicadores produtivistas, desvalorizando o impacto relacional, educativo e preventivo dos cuidados. A gestão moderna exige, portanto, liderança de enfermagem, não apenas na hierarquia interna, mas na governação dos sistemas.

A pandemia de COVID-19 tornou esta realidade ainda mais evidente. Em momentos de crise, foram os enfermeiros que garantiram a continuidade dos cuidados, adaptaram respostas, reorganizaram fluxos, acolheram famílias e sustentaram emocionalmente as equipas. Este papel foi desempenhado, muitas vezes, em contextos de exaustão, escassez e invisibilidade. A OMS (2024) reconhece que a resposta dos sistemas de saúde à crise pandémica assentou, em grande parte, na resiliência, adaptabilidade e compromisso dos profissionais de enfermagem. Esta lição deve permanecer como base para uma nova política de recursos humanos, mais centrada na valorização real, e não apenas simbólica, da profissão.

No plano macroeconómico, a enfermagem é também geradora de riqueza. Os investimentos em educação, formação, emprego e inovação no setor da enfermagem contribuem para o crescimento económico, para a coesão social e para a proteção das populações. A OMS estima que o investimento na força de trabalho em saúde pode gerar, globalmente, um aumento do PIB de até 4%, através da criação de emprego qualificado, da redução do absentismo e da melhoria da produtividade social (WHO, 2024). Em regiões como a Madeira

e os Açores, por exemplo, a aposta na enfermagem especializada e comunitária representa uma estratégia não apenas de saúde, mas de desenvolvimento regional e de justiça territorial.

Conclui-se que a enfermagem é um ativo estratégico, económico e humano dos sistemas de saúde. Invisível nos relatórios financeiros, mas essencial na economia da vida. Reconhecer o seu valor exige mudança de paradigma: passar de uma visão de custo para uma visão de investimento; de invisibilidade institucional para protagonismo estratégico. A enfermagem não é apenas essencial, é inteligente do ponto de vista económico, sustentável do ponto de vista financeiro e insubstituível do ponto de vista humano. O futuro dos sistemas de saúde depende da coragem política de tornar visível o que sempre sustentou o cuidar: a força, a competência e o compromisso da enfermagem.

#### Referências Bibliográficas

European Commission. (2024). *EU Workforce for Health Strategy 2024–2030: Investing in skills, equity, and sustainability*. Brussels: European Union Publications.

European Court of Auditors. (2024). *Healthcare workforce in Europe: Challenges, resilience and planning*. Luxembourg.

Organisation for Economic Co-operation and Development. (2024). *Health at a Glance: Europe 2024*. Paris: OECD Publishing.

World Health Organization. (2024). *State of the World's Nursing Report: Investing in Education, Jobs and Leadership 2024 Update*. Geneva: WHO.

World Health Organization. (2024). *Global Health Expenditure and Health System Sustainability*. Geneva: WHO.